



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Curso: Jornalismo

Professor Orientador: Sérgio de Sá

Memorial do produto

O Deus Verme

O centenário de Augusto dos Anjos em quadrinhos

Mariana Rezende Pizarro

Thiago da Silva Lima

Brasília–DF, Agosto de 2014

O Deus Verme

O centenário de Augusto dos Anjos em quadrinhos

Mariana Rezende Pizarro

Thiago da Silva Lima

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá

Orientador

Prof. Me. Luciano Mendes

Examinador

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago

Examinador

Profa. Ma. Márcia Marques

Suplente

Nota: _____

Brasília, ____ de _____ 2014

AGRADECIMENTOS

A minha família, por todo o apoio e vibração – em especial a minha mãe, por acreditar mais em mim do que eu mesma, e ao meu pai, por servir de modelo para as poses mais complexas de desenhar. Ao professor Sérgio, por toda a paciência e conforto durante as incontáveis trocas de mensagens desesperadas. A professora Selma, pela imensa boa vontade ao acompanhar a finalização do produto, mesmo durante suas férias. A minha dupla, por servir não apenas como companheiro de pauta, mas também como irmão, psicólogo, amigo, confidente, etc. A minha segunda família: a família Pupila Audiovisual, pela compreensão e apoio imensuráveis; e a todos os meus amigos que me acompanharam nessa jornada, em especial: Cássio, Débora, Tatiany e Andressa.

Mariana Pizarro

A todas as pessoas que eu conheci durante esses anos de UnB. Citar nomes específicos seria difícil e injusto enumerar quem faz parte da minha vida e continuará na jornada além da graduação.

Em especial para a minha dupla, por ser maravilhosa.

Amo todos vocês. Alguns mais do que outros.

Thiago Lima

“Comics are words and pictures. You can do anything with words and pictures.”

Harvey Pekar

RESUMO

Este é o memorial descritivo da produção da obra em jornalismo em quadrinhos (JHQ) a respeito do centenário de morte do poeta paraibano Augusto dos Anjos. Para isso, o presente projeto traz um breve histórico do surgimento do JHQ no Brasil e no mundo. As teorias, imagens e conclusões apresentadas no memorial serviram como base para a produção da narrativa gráfica desde a concepção à sua apresentação. A metodologia, a estética visual e a linguística utilizada são descritas neste memorial.

Palavras-chave: quadrinhos; jornalismo; jornalismo em quadrinhos; comunicação; Augusto dos Anjos; poeta; centenário; biografia

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. Tema.....	7
3. Objetivo da pesquisa.....	7
4. Justificativa.....	8
5. Referencial teórico.....	10
5.1. Considerações para a leitura.....	10
5.2. Quadrinhos e jornalismo.....	11
5.3. Uma breve história.....	15
5.4. A reportagem de Joe Sacco.....	17
6. Metodologia.....	19
6.1. Passo inicial.....	19
6.2. Esboço do roteiro.....	20
6.3. Seleção do material.....	21
6.4. Entrevistas.....	22
6.5. Roteiro das perguntas.....	25
6.5.1. Questionário geral para todos os entrevistados.....	25
6.5.2. Perguntas adicionais para Marina Andrade.....	26
6.5.3. Perguntas adicionais para Ana Miranda.....	26
6.5.4. Perguntas adicionais para Márvio e Ricardo dos Anjos.....	27
6.5.5. Perguntas adicionais para Deolinda.....	27
6.5.6. Considerações ortográficas.....	27
6.6. Estética visual.....	28
6.6.1. Cores.....	28
6.6.2. Tipografia.....	30
6.6.3. Traço.....	31
6.6.4. Adaptação das referências fotográficas para o desenho.....	33
7. Considerações finais.....	40
8. Referências bibliográficas.....	43
9. Anexos.....	47

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tim Burton, Hergé e Pendleton Ward.....	32
Figura 2 – Robert Crumb.....	34
Figura 3 – Maria do Socorro Silva de Aragão, Ana Miranda, Neide Medeiros Santos, Márvio dos Anjos, Chico Viana e Ricardo Augusto dos Anjos.....	35
Figura 4 – Augusto dos Anjos (referência fotográfica).....	36
Figura 5 – Augusto dos Anjos (traço).....	36
Figura 6 – Marina Andrade (referência fotográfica).....	37
Figura 7 – Marina Andrade (traço).....	37
Figura 8 – Esther Fialho dos Anjos (referência fotográfica).....	38
Figura 9 – Esther Fialho dos Anjos (traço).....	38
Figura 10 – Sinhá Mocinha (referência fotográfica).....	39
Figura 11 – Sinhá Mocinha (traço).....	39
Figura 12 – Fachada da Faculdade de Direito (referência fotográfica).....	40
Figura 13 – Fachada da Faculdade de Direito (traço).....	40
Figura 14 – Desenho original no papel (anexo).....	47
Figura 15 – <i>Line art</i> do desenho original no Photoshop (anexo).....	47

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho experimental, apresentado como trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, tem como proposta a produção de uma peça de Jornalismo em Quadrinhos (JHQ). O memorial apresentado é o processo que percorremos para narrar os eventos de vida do poeta paraibano Augusto dos Anjos e a maneira como ele é visto hoje durante o ano de centenário de morte do escritor, em 2014.

Nosso objetivo com o projeto é explorar as possibilidades que as narrativas das histórias em quadrinhos oferecem ao fazer jornalístico. Ao recorrer às ferramentas visuais das HQs, o assunto pode ser registrado e exposto ao leitor de maneiras diferentes do método convencional de reportagens especiais. Além da convergência de linguagens entre o jornalismo e os quadrinhos, o projeto também aproveita para experimentar com os recursos que a produção poética – jogo de palavras e representação imagética – podem oferecer.

O Jornalismo em Quadrinhos (JHQ), como define Vinícius Silva (2011), é um fruto do hibridismo das linguagens do jornalismo com a arte sequencial quadrinística, baseado “em processos de investigação jornalísticos, narrativas e técnicas dos quadrinhos para a apresentação de informações” (p. 27). Além das possibilidades de maior desenvoltura ao trabalhar imagens, cores, gráficos e iconografia, o estilo também se destaca como uma forma alternativa de atrair a atenção de outros segmentos de leitores - como os nichos infantis e juvenis - para a obra jornalística. Atualmente, os principais exemplos do JHQ disponíveis são representados por obras biográficas e jornalismo de guerra.

Para aproveitar essa chance de experimentação que o gênero oferece, decidimos por contar a história de uma figura histórica brasileira que fosse ter certo destaque durante o ano devido a datas comemorativas, no caso, o poeta pré-modernista Augusto dos Anjos, que em 20 de abril completou 130 anos de nascimento e em 30 de outubro completará, cem anos de morte.

Intitulado *O Deus Verme: uma reportagem em quadrinhos*, o produto lança mão da linguagem da sequência narrativa da nona arte¹ para reviver a

¹ Termo utilizado para encaixar os quadrinhos na classificação do *Manifesto das sete artes*, do italiano Ricciotto Canudo, escrito em 1911 e publicado em 1923. Essa denominação surgiu

linha do tempo do paraibano, a partir das entrevistas que fizemos com pesquisadores, artistas, parentes e fãs dos versos e da vida do poeta. Os seis capítulos da história compilam depoimentos para responder à pergunta: “quem é Augusto dos Anjos hoje?”.

Entre detalhes de infância, quebra do mito a respeito da causa de morte, influências literárias e legado histórico, a narrativa se aproveita da força imagética e da interpretação das palavras de Augusto para desenhar esse que foi eleito Paraibano do Século XX.

Neste memorial que acompanha o projeto, procuramos mostrar os detalhes da produção dos quadrinhos, as justificativas de escolha do tema e da abordagem e do referencial teórico. Na identidade visual da obra também apresentaremos as escolhas de estruturas narrativas, o uso de cores e imagens utilizadas como referência para compor o mundo recriado do poeta paraibano.

O produto não foi pensado para esgotar o tema ou tampouco compor um perfil definitivo de Augusto dos Anjos, mas aproximar os leitores da história de vida e do estilo da poesia do autor que ainda não goza de fama e reconhecimento como outros poetas brasileiros. O objetivo é que o produto se torne um conteúdo adicional para a apresentação da história de Augusto para a população e que dialogue com a importância de manter o trabalho dele vivo no seu centenário de morte.

2. TEMA

O tema do produto de Jornalismo em Quadrinhos (JHQ) é a história do poeta paraibano Augusto dos Anjos e a importância dele hoje, no ano de centenário de morte.

principalmente após o aparecimento das *graphics novels*, pelo americano Will Eisner, que mostravam histórias ilustradas com temas para além de superpoderes e ficção científica (GOMES, 2009).

3. OBJETIVO DA PESQUISA

O objetivo da peça de JHQ foi realizar uma reportagem especial que misture a linguagem das narrativas gráficas com a de jornalismo com o intuito de equilibrar o uso de imagem em quadrinhos, caixas e balões de fala e texto corrido. Embora o projeto tenha sido pensado para funcionar como perfil biográfico de Augusto dos Anjos, ele também serve para desmitificar algumas impressões que o brasileiro tem a respeito do paraibano, mostrar o legado histórico e as características da produção de Augusto que o diferenciam de outros poetas.

A ideia é mostrar que Augusto dos Anjos é muito mais do que apenas um nome no chamado pré-modernismo - como é conhecida a fase de transição literária que surgiu no final do século XIX e início do XX - que rompeu com as características das tradicionais “escolas literárias” que existia durante o período. O paraibano produziu versos em cima de uma estética pouco explorada no Brasil, o expressionismo, e misturou elementos da linguagem culta com termos populares para reforçar a capacidade de ilustrar as palavras ao leitor. Devido a essas peculiaridades, há aqueles que qualificam Augusto como uma voz singular e ainda atual na literatura brasileira.

O Deus Verme mostra a trajetória de vida do poeta, desde a infância em Engenho Pau d’Arco, na Paraíba, até a morte em Leopoldina, Minas Gerais e o legado histórico que continuou após o óbito. Enquanto pesquisadores narram os acontecimentos de vida dele, a própria poesia de Augusto se mistura aos fatos selecionados em forma de ilustração. Isso ajuda a comprovar que os versos do poeta maldito falam muito mais do que somente a degradação humana, mas de um processo que todos passamos (e devemos passar) durante a existência.

O papel dos quadrinhos que criamos é mostrar ao leitor o fator histórico do homenageado, enquanto a mensagem é transmitida com a ajuda de relatos, poesia, cores, gráficos e o traço dos desenhos para estimular a compreensão das influências e do trabalho do autor.

4. JUSTIFICATIVA

“O que precisamos é de boas histórias e bons personagens”. Durante o curso de jornalismo, e até mesmo em projetos paralelos e estágios, essa frase torna-se uma espécie de mantra quando o assunto é fazer uma reportagem. Foi com essas diretrizes em mente que decidimos escolher o Jornalismo em Quadrinhos (JHQ) e a figura histórica de Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos para concluir o ensino superior em comunicação social.

O desejo de trabalhar com quadrinhos partiu do interesse comum que possuímos pela mídia que nos acompanha desde antes do início do curso. Com o aprendizado e a prática de noticiar acontecimentos e o contato com conceitos de comunicação visual, passamos a perceber que a linguagem das narrativas gráficas dialoga diretamente com a nossa maneira de pensar o produto final da matéria: é preciso que o texto dialogue com outros elementos – ilustração, diagramação, fotos – não somente para complementar o artigo, mas para reforçar a narrativa, o contexto e aproximar o leitor.

Embora não tenhamos estudado o fazer de JHQ durante a graduação, muito do que produzimos, de uma maneira ou de outra, se utilizou dessa linguagem e parecia natural seguir esse rumo, mesmo sem termos tido aula a respeito do assunto na academia. Após escolhido o gênero, entrou a questão de qual assunto deveria ser abordado. Como defendem Viveiros e Gallas (2009), “a sedução da imagem fez com que o Jornalismo em Quadrinhos (JHQ) surgisse representando uma comunicação experimental e alternativa com grande potencialidade de relato e registro de fatos do dia a dia ou históricos” (p. 2). À luz desse conceito, tínhamos duas opções: um assunto do cotidiano em destaque ou evento histórico que estaria em voga durante 2014. Nas primeiras reflexões, decidimos descartar a possibilidade de trabalhar com o *hard news*, devido ao tempo reduzido de produção e a falta de experiência com a prática. Assim argumenta Vinícius Silva:

Fazer quadrinhos e JHQ exige uma série de etapas a mais que o jornalismo (...) o quadrinista, junto com o colega jornalista, deve realizar o roteiro, escolher os ângulos de cada cena, os elementos para não repetir informações no texto e imagens, colorir, fazer o letreiramento, layout e arte final. Tantos processos em pouco tempo só com investimento em equipes especializadas na área (...) a

prática, portanto, ainda esbarra na necessidade de se ter mais tempo para poder produzir. As redações ainda não estão preparadas para a produção de *hard news* em JHQ. Trabalhar com *deadline*, então, só com muita conversa com os editores. (SILVA, 2011. p. 64)

Como opção de evento histórico, procuramos selecionar um que tivesse não somente destaque durante o período, mas que se encaixasse com a proposta de narrativa atraente e diferenciada e forte apelo imagético. Ao fazer esse recorte, percebemos que o centenário de morte de Augusto dos Anjos correspondia ao tema. Primeiro, o poeta paraibano possui uma relação fria com o público. Normalmente estudado no último ano do ensino médio, Augusto não faz parte de escolas literárias em que é possível traçar padrões e um histórico de fácil entendimento. Essa necessidade de explicação elaborada poderia se tornar mais fluida com a ajuda da imagem e menos texto. Segundo, os versos do poeta primam por uma linguagem que remete a interpretação e cadenciamento quase musical, o que abre espaço para que a narrativa possa cruzar do histórico para o poético.

Ao selecionarmos o “com quem” e “como”, o projeto entra em uma segunda etapa: por quê? Augusto é um escritor que causa, no mínimo, certo estranhamento da população devido às palavras e os temas escolhidos. No ensino médio, o contato ainda é limitado, pois as principais universidades fora da Paraíba e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) não costumam cobrar o escritor em comparação com outros poetas nacionais. Portanto, aqui cabe a indagação: quem é Augusto dos Anjos hoje?

Em nossa opinião, se o trabalho fosse uma reportagem tradicional, como uma matéria especial de cultura, o objeto poderia ser fraco de apelo. Talvez, atraísse os amantes da literatura devido ao fator dos cem anos. Entretanto, como JHQ, nossa proposta é que o produto possua um apelo maior, tanto para o público infanto-juvenil, devido à atração pelo traço, como outros públicos devido ao caráter popular e da fácil assimilação da narrativa por desenhos.

Aqui chegamos ao ponto em que o papel dos quadrinhos se torna o do jornalismo: informar, mostrar histórias e explicar acontecimentos.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1. Considerações para a leitura

Os termos “história em quadrinhos” (HQ) e “jornalismo em quadrinhos” (JHQ)

Neste memorial, utilizamos a expressão “história em quadrinhos” (HQ) de acordo com a definição de Scott McCloud no livro *Desvendando os quadrinhos* (2005) como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador” (p. 9). Ao mesmo tempo também pode aparecer como “narrativas gráficas” ou “arte sequencial” (traduzido do original *sequencial art*), como foi denominado pelo quadrinista Will Eisner, ou mesmo como “gibis” ou “quadrinhos”.

Para “jornalismo em quadrinhos” (JHQ) ou reportagem em quadrinhos, utilizaremos a definição comentada anteriormente por Vinícius Silva (2011) como “a prática híbrida de linguagens jornalística e quadrinística” (p. 27).

5.2. Quadrinhos e jornalismo

Jornalismo em quadrinhos (JHQ) é um produto híbrido que utiliza os elementos narrativos em comum entre a arte sequencial e o jornalismo para apresentar informações. É uma plataforma em que o verbal cede um espaço ainda maior ao visual para que a reportagem – não abrindo mão das técnicas essenciais de apuração – possa ser criada a partir de técnicas e linguagem de quadrinhos. Fabiano Silva e Rafael Baldo conceituam que o JHQ precisa ter três características que o diferenciam de uma história em quadrinhos comum:

(...) um gênero que une as linguagens do jornalismo e dos quadrinhos utilizando ambientação histórica necessária para o entendimento das reportagens, caracterização de personagens reais de acordo com a sua verossimilhança de comportamento e referência imagética, além da liberdade para trabalhar a narrativa usando de recursos dos textos encontrados no *new journalism*, sem se prender essencialmente a uma visão autobiográfica. Independente de usar as histórias em quadrinhos como suporte, esse novo gênero mantém as mesmas responsabilidades encontradas no jornalismo produzido para qualquer outro veículo de comunicação, ou seja, informar, opinar, interpretar e entreter. (SILVA; BALDO, 2003. p. 100)

A respeito desses pontos, na opinião de Baldo, não há obrigatoriedade de os três aparecerem ao mesmo tempo em uma obra para se caracterizar como tal. Mas um produto que queira se encaixar como JHQ não pode abrir mão de, ao menos, um deles na execução da tarefa jornalística (BALDO, *apud* SILVA, p. 27).

No que toca a possível ligação do novo jornalismo (*new journalism*) na produção, o autor lembra as quatro características marcantes da influência literária no gênero em questão citadas pelo jornalista Tom Wolfe: construção detalhista da cena, registro completo dos diálogos, ponto de vista em terceira pessoa e registro do cotidiano e do padrão de vida daqueles sobre os quais fossem relatados os fatos. Ao falar de novo jornalismo ou jornalismo literário, é preciso destacar que pesquisadores costumam traçar paralelos entre essa prática ao do JHQ. Baldo e Silva (2003) argumentam que os dois modelos têm a possibilidade de oferecer um número maior de informações e aprofundá-las ao leitor. Nesse caso, os quadrinhos ainda demonstram certa vantagem ao contar com o auxílio da imagem, pois “(...) que o texto não aponta, o desenho complementa. Não há uma necessidade de repetir na linguagem escrita o que foi representado no desenho. Com isso, a narrativa ganha agilidade sem omitir uma construção detalhada das cenas ou informações relevantes” (BALDO; SILVA, p. 104).

Moacyr Cirne, porém, defende, em “Quadrinhos, sedução e paixão” (2000), que a linguagem do HQ possui semiótica exclusiva, que a alinha mais com as apresentadas na narrativa cinematográfica do que com a literatura ou artes gráficas. Juscelino Neco Souza Júnior (2010, p. 50), à luz desse conceito, conclui que a estrutura formal do JHQ se assemelha mais as práticas do documentário audiovisual do que à prática do novo jornalismo. Entretanto, na análise de Júnior em torno de Cirne, a reportagem em quadrinhos “é o registro visual de determinadas experiências (...)”, mas ressalta que “(...) essa reportagem deva ser lida como o registro de um acontecimento marcado temporalmente, sua relação com esse evento dá-se como um modelo relacionado e não como registro” (p. 30).

Embora a produção do JHQ dentro da própria academia de jornalismo ainda seja uma prática pouco difundida², na última década surgiram trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações (CAVIGNATO, Deise, 2013; OLIVEIRA E PASSOS, 2006; RAMOS, Paulo, 2009; SILVA, 2011; SILVA E BALDO, 2003; SOUZA JÚNIOR, 2010) dispostas a teorizar as ligações dos quadrinhos com a comunicação social. Entre as propostas analisadas, um dos principais pontos discutidos nas pesquisas é a respeito da validação do JHQ como gênero solidificado ou não. Alguns teóricos, como Souza Júnior, negam que a prática seja definida como gênero, pois a percepção da temática de quadrinhos como uma mídia e forma artística autônoma permite que ela absorva alguns “gêneros tradicionais do jornalismo impresso (notícia, reportagem, coluna, entrevista, editorial, artigo e resenha, até o momento), adaptando-as à nova mídia e utilizando-se de sua linguagem e potencialidades” (2010, p. 23). Já para Oliveira e Passos (2006), a vertente apresenta características e credibilidade que a legitimam como um gênero a ser estudado.

Entretanto, o atual nível de debates em torno do tema reconhece o JHQ como um gênero híbrido – um ponto na linha que une as narrativas gráficas da arte sequencial com o jornalismo e outras ferramentas de comunicação –, como defende o acadêmico Iuri Barbosa Gomes. De acordo com a análise do pesquisador, a presença do JHQ representa uma novidade para a mídia ao convergir linguagens a favor da informação sem assumir a forma de uma mera adaptação: “Trata-se de um fluxo semiótico no qual há uma junção de diferentes linguagens que se entrelaçam e que apontam para diferentes possibilidades de abordagem jornalística e de produção de sentido” (GOMES, 2008, p. 13).

As mudanças sofridas pelos veículos midiáticos e as novas ofertas de plataformas e canais de comunicação também afetam os conceitos de jornalismo e os produtos derivados deles. Assim como foram e são observadas alterações no jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo e webjornalismo, o desenvolvimento de tecnologias e o cruzamento de

² Um exemplo de curso voltado a produção de JHQ é a iniciativa alemã *Melton Prior Institute – for reportage drawing & printing culture*. Site: <http://www.meltonpriorinstitut.org/>. Acesso em: 1/05/2014

linguagem (no caso, aquelas que passam pelos campos de narrativas, a exemplo de cores, som, interatividade, até os aspectos técnicos de reprodução, transmissões ao vivo, links e hiperlinks) também podem ser argumentos ao tratar do JHQ. Antônio Aristides Corrêa Dutra, em sua dissertação de mestrado observa que “tanto o quadrinho como o jornalismo avançam sobre terrenos vizinhos em busca de novos horizontes” (DUTRA, 2003, p. 147), fato que o autor comprova ao argumentar que as mudanças de público, veículo e suporte que a prática jornalística sofreu desde meados do século XIX e XX – como o uso de tecnologias eletrônicas e o livro reportagem – e o quadrinho a partir das décadas de 1960 e 1970, ao experimentar histórias além do campo da ficção e do escapismo, como o quadrinho autoral e autobiográfico. Na junção desses dois mundos, o autor afirma:

Ao fugir da ficção, a reportagem em quadrinhos expande o campo de atuação que comumente imaginamos para as HQs. Isso nos conduz ainda a outras possibilidades, pois se são possíveis reportagens em quadrinhos, também são possíveis entrevistas em quadrinhos, resenhas em quadrinhos, críticas, crônicas, ensaios ou editoriais em quadrinhos E, de fato, essas possibilidades já foram e continuam sendo experimentadas (DUTRA, 2003, p. 147).

Para Silva e Baldo (2003), as experiências do mundo das HQs longe de temas de ficção “(...) contribuem para o tratamento de temas mais complexos, como guerras, levando informação para um número maior de pessoas, sendo essa a principal vantagem em relação a outros meios de comunicação” (p. 132) e confirma que não há somente a influência do jornalismo no veículo, mas também a presença de características literárias, cinematográficas e documentais no resultado híbrido do produto da narrativa em debate.

Além da convergência de linguagens, o JHQ também oferece possibilidades de retratar situações em que a equipe de reportagem enfrenta barreiras para o registro dos fatos, como risco de morte ao portar equipamento fotográfico ou gravadores, ou mesmo o mostrar de detalhes como a maneira de se vestir ou falar na tentativa de humanizar o personagem (SILVA, 2011).

Entretanto, é preciso reconhecer que a produção da reportagem em quadrinhos não somente se resume a inserir o texto jornalístico “padrão” ou aspas nos balões de fala na narrativa de imagens. Ao destrinchar a linguagem dos HQs, Will Eisner afirma que “o sucesso ou fracasso desse método de

comunicação depende da facilidade com que o leitor reconhece o significado e o impacto emocional da imagem” (1999, p. 14). Ao inserir esse relato na análise do JHQ, Gomes (2008) define que é essencial que o entendimento da imagem que reporta a situação deve ser de entendimento tanto do “jornalista-quadrinista como do leitor” (p. 11).

Ao reconhecer esses conceitos, o fazer do jornalismo com a ajuda de histórias em quadrinhos é uma forma alternativa e livre para transmitir informações em aspectos diferentes. Em contraste com matérias factuais, mais preocupadas em seguir a ordem do lead, o JHQ se mostra como um produto novo e atrativo para aproximar o público no contexto de transformações que o jornalismo vive no século XXI.

5.3. Uma breve história

A ligação entre a imprensa e os quadrinhos não é uma novidade. Nos jornais ingleses do século XVIII havia espaços destinados para a apresentação de material como charges e tiras que colocavam a linguagem gráfica sequencial à disposição da notícia, sátira e crítica nos periódicos. No século XIX surgiram as primeiras tentativas de reportagens ilustradas e o desenho passou a ocupar diversas funções, como a caricatura, na década de 1830 no jornal francês *La Caricature*. Antes disso, havia o pintor e ilustrador inglês William Hogarth, que fazia quadrinhos críticos de política na década de 1720. O pesquisador Aristides Dutra (2003) afirma que a necessidade de registrar fatos de maneira realista e documental teria aparecido com o pintor espanhol Fernando Goya, em 1806, com a série de seis quadros intituladas *Fray Pedro de Zaldivia y El bandido Maragato*, que representava a reconstrução de um fato policial. Dutra cita o pintor Constantin Guys, que fez a cobertura da Guerra da Criméia (1853 a 1856) para o jornal *The Illustrated London News*, e, segundo o autor, um dos percursores do jornalismo ilustrado e repórter-desenhista pioneiro (DUTRA, 2003, P. 156).

Já os quadrinhos como conhecemos hoje se tornaram populares na virada do século XIX para o XX, com temas humorísticos, aventura e ficção, sendo um dos principais exemplos *The Yellow Kid* (O Menino Amarelo), no jornal norte-americano *World*. Da década de 1920 em diante a indústria de quadrinhos passou a ocupar lugar também fora da imprensa, com a

popularização das *Pulp Magazines*³ e, mais adiante, com as publicações da empresa *Detective Comics, Inc*⁴ lançou, em 1938, *Action Comics #1*, com a primeira aparição do Superman.

Somente a partir da década de 1970, com a influência dos quadrinhos autorais e *underground* norte-americanos os primeiros passos do jornalismo dentro dos gibis voltaram a ser explorados. Com a evolução da linguagem (aqui entendida como evolução de temas além da ficção e da experimentação com o traço) e da aceitação pública da mídia, como cita Júnior (2010), é possível destacar as publicações a partir de 1968 como *Um contrato com Deus*, de Will Eisner, publicado em 1978; *Maus*, de Art Spiegelman, publicado em capítulos entre 1980 e 1991; *American Splendor*, de Harvey Pekar. Apesar da influência decisiva no que viria a ser chamado de JHQ, as obras destacadas não se encaixavam como gêneros jornalísticos. No caso de *Maus*, em que o autor narra a história do pai, Vladek Spiegelman, um judeu mantido cativo durante a Segunda Guerra Mundial pelo regime nazista alemão, estão presentes pontos da reportagem, como a entrevista e a reconstrução dos fatos. Outro exemplo é a obra em *mangá*⁵ *Gen – Pés Descalços*, do *mangaká* Keiji Nakazawa, publicada de 1975 a 1985, que narra a história do menino Gen e outros sobreviventes que presenciaram o bombardeio atômico a Hiroshima, em 1945. A história é baseada nas experiências de Nakazawa, sobrevivente ao ataque à cidade japonesa e utiliza o contexto histórico como gancho para contar a história e o drama das pessoas.

O Brasil também possui certo papel nos primórdios do JHQ. No século XIX, o italiano Angelo Agostini trouxe o HQ para o país (MOYA *apud* Silva, 2011, p. 32) com a obra *As cobranças*. No campo do jornalismo, Agostini se destaca como um dos primeiros a representar o gênero híbrido, com a reportagem ilustrada *O sinal dá sinal de fogo...*, publicada no jornal seminário satírico-humorístico *Cabrião*, em 1867 (DUTRA, 2003, p. 65) na década de

³ O nome vem de polpa, devido ao papel de baixa qualidade utilizado na produção do material. Embora a origem do material seja datada da década de 1860, os *pulps* se tornaram famosos nas primeiras décadas do século XX, devido ao preço acessível e à grande variedade de títulos disponíveis.

⁴ A empresa depois se tornou *National Comics, National Periodical Publications* e depois renomeada como *DC Comics*.

⁵ Vertente dos quadrinhos produzidos no Japão. No caso, o criador de *mangás* recebe o nome de *mangaká*.

1880 com quadrinhos contra a escravidão (GOMES, 2008, p. 7) e um acidente na estrada de ferro de São Paulo, datado de 1885.

O trabalho de Agostini na história em quadrinhos a respeito do incêndio, como analisado por Dutra em pesquisa, se destacada devido à força que as imagens impõem no trabalho jornalístico e como a narrativa gráfica dialoga com ela. Embora o produto seja breve (apenas uma página do periódico), o produto demonstra uma diferença de tom entre as palavras e as imagens: o texto é utilizado de maneira argumentativa e opinativa, já a ilustração, por possuir maior poder descritivo, “pode ser bem utilizada com fins informativos” (DUTRA, 2003, p. 66).

5.4. A reportagem de Joe Sacco

Apesar do pioneirismo de Agostini em utilizar a narrativa sequencial a favor da notícia, o quadrinista e repórter Joe Sacco detém o papel de apresentar uma nova possibilidade de livro-reportagem e dos quadrinhos para o jornalismo com a obra *Palestina, Uma Nação Ocupada*, com o primeiro volume lançado em 1993 e, no Brasil, em 2000. Para Dutra, “uma mudança mais palpável só veio mesmo com as HQs de Sacco de conteúdo mais jornalístico. Agora sim, era inequívoco que aquilo não era nem poderia ser confundido com uma obra de ficção” (2003, p. 2). *Palestina* foi vencedora do *American Book Award*, em 1996

Sacco nasceu na República de Malta em 1960, viveu até os 12 anos na Austrália até que sua família se mudou para os Estados Unidos em 1972. Durante a infância, ele consumia revistas em quadrinhos com temáticas de guerras e humorísticas da década de 1950 e gostava de desenhar junto da irmã. Em 1981 se graduou em jornalismo na *University of Oregon*, mas desistiu da profissão para se dedicar ao trabalho de cartunista na Europa e em Malta, onde contribuiu para importantes publicações do gênero, como *The Comics Journal* e a *Fantagraphics Books*.

O trabalho inicial de Sacco foi voltado para o humor e a temática *underground*, onde apresentava influência de artistas como Crumb, Spiegelman e Pekar, mas nunca se distanciou completamente do jornalismo. Entre 1988 e 1992 produziu contos ilustrados na revista *Yahoo*, onde conseguiu visibilidade pela primeira vez. Nesse período surgiu o interesse por

noticiar conflitos internacionais, em especial ao acompanhar a cobertura da Guerra do Golfo Pérsico, em 1991. *Palestina*, o primeiro trabalho dele, foi produzido entre 1991 e 1992, quando o autor visitou Jerusalém, Cisjordânia e a Faixa de Gaza e transformou a experiência e o contato com o mundo árabe em uma série de entrevistas publicadas em uma série de quadrinhos de nove edições. O produto de Sacco, além de contar com as características típicas do jornalismo – apuração dos fatos e dados, explicação do contexto histórico e registro escrito e fotográfico de eventos e entrevistas – também se utiliza de técnicas do novo jornalismo (principalmente do jornalismo Gonzo), como analisam Viveiros e Gallas (2009), ao se colocar presente nas cenas:

A presença constante do repórter como personagem em Palestina leva pesquisadores [...] a classificar a reportagem como jornalismo gonzo em quadrinhos. Embora a obra de Sacco possua algumas características em comum com o jornalismo gonzo [...] não apresenta traços marcantes do gênero como sarcasmo e vulgaridade, alteração de consciência e uso de elementos ficcionais. As outras características citadas pelo autor como uso criativo da linguagem e descrição extrema de situações, originam-se do Jornalismo Literário, precursor do gonzo. (OLIVEIRA *apud* VIVEIROS E GALLAS, 2009, p. 3).

No traço, Sacco procura seguir uma linha que remeta ao realismo, em que procura transmitir a fidelidade da representação dos personagens e do ambiente em que vivem. Para tal, assim como é registrado em alguns dos seus quadrinhos, se utiliza da máquina fotográfica para captar referências do ambiente. “(...) Sacco fundamenta seu grafismo em uma ‘estética do concreto’ que o aproxima do modelo representacional do audiovisual e do fotojornalismo”, analisa Sousa Júnior (2010, p. 59). Apesar da forte ligação com o natural para transmitir a mensagem, o pesquisador analisa que Sacco, vindo da influência *underground* e do uso do preto e branco, desenvolveu um estilo própria de cartunização das personagens “(...) que permite insinuarem as emoções ao invés de exibi-las de maneira realista (...)” sem abrir mão da veracidade necessária para transmitir a prática jornalista aos leitores.

Em suas obras, Sacco se posiciona e toma partido das vítimas da guerra, mas, como destacam Viveiros e Gallas (2008, p. 9), não se priva de mostrar os argumentos do “outro lado” e o contexto em que as situações de

conflito se inserem, assim permitindo que o receptor tome as próprias decisões e não fuja do caráter jornalístico da HQ.

Além de *Palestina*, o autor produziu também outras peças de JHQ: *Natal de Karadzic* (1997), *Derrotista* (2003), *Área de Segurança Gorazde: a guerra da Bósnia Oriental* (2000), *Uma História de Sarajevo* (2003) e *Notas Sobre Gaza* (2009).

O jornalismo, assim como abordado anteriormente, possui uma variedade de abordagens e a evolução tecnológica e a adaptação e o surgimento de novas mídias afetam sua maneira de ser feita e recebida. Como defende Dutra, apesar da importância e reconhecimento do trabalho de Sacco em frente ao gênero, a obra do autor não “(...) pode ser entendida como um paradigma limitado – e nem mesmo delimitado – do que é ou não jornalismo em quadrinhos (...) é uma interpretação pessoal dos fatos, é uma reconstrução ‘dramatizada (...)’ (DUTRA, 2003, p. 63).

6. METODOLOGIA

6.1. Passo inicial

Devido às possibilidades em experimentar tanto nos quadrinhos como no jornalismo, e as inquietações pessoais da dupla, consideramos as conclusões e argumentos dos pesquisadores que veem o JHQ como um gênero ainda a ser explorado como ponto de partida para nosso produto. A partir da leitura analítica de trabalhos acadêmicos disponíveis, interpretamos que a ainda inexistência de um modelo – para evitar o uso da expressão “fórmula” – é a abertura perfeita para trabalhar o estilo da narrativa gráfica e do jornalismo de acordo com as necessidades da matéria, a disponibilidade de informações e o estilo de tema escolhido para a reportagem.

Portanto, decidimos por seguir a inspiração de Joe Sacco, mas não como guia ou referencial de limites ou fórmula. Assim como os livros-reportagem em quadrinhos produzidos pelo maltês, a nossa reportagem tem compromisso com os elementos principais da prática jornalística, como a obrigação com a verdade, lealdade aos cidadãos, verificação dos fatos e o empenho para apresentar o que é significativo de forma interessante e

relevante, como definem Kovach e Rosentiel em *Os elementos do Jornalismo* (2003, p. 22-23). Entretanto, a narrativa segue uma estética definida pela dupla para representar as situações e procura dialogar com o tema de maneira particular.

A ideia inicial era fazer um produto em quadrinhos que contasse a história de Augusto dos Anjos, abordando a maior quantidade de eventos durante a vida do poeta, sua morte e a influência que ele teve na literatura até o presente.

Durante a elaboração da linha de tempo e ao analisar o material disponível para tal tarefa percebemos que, caso o produto se aprofundasse demais na história do paraibano, correria o risco de se tornar uma tarefa extensa e, infelizmente, mais vinculada ao fator documental histórico do que jornalístico. Com o tempo limitado de apuração e produção do TCC, decidimos traçar limites e focar a história em fatos de pouco conhecimento do público em geral.

No que diz respeito ao hibridismo do JHQ, definimos que a produção em quadrinhos deveria tentar equilibrar a história contada a partir de balões e desenho com insertes de artigos longos, aos moldes das reportagens tradicionais, para melhor suprimir as limitações das caixas de diálogo e recordatórios. Assim definimos o que seria o nosso próprio “híbrido”: narrativa quadrinhista típica, com o auxílio de parágrafos maiores para acrescentar dados e depoimentos.

6.2. Esboço do roteiro

Augusto dos Anjos, ao menos fora do estado da Paraíba, ainda é pouco reconhecido e o espaço destinado a ele no ensino médio ainda é pouco e mal explorado. Para aprofundar os conhecimentos a respeito do homenageado, decidimos procurar a fortuna crítica, biografias e estudos acadêmicos que tratassem exclusivamente da vida de Augusto como pessoa e artista e que separassem a obra do paraibano do atual estigma de “poeta de transição do pré-modernismo brasileiro”, rótulo em que ele é comumente enquadrado na história literária nacional.

Do material encontrado, decidimos por favorecer aquele que oferecia o resgate de fatos biográficos que quebrassem as poucas verdades – e algumas

incongruências, como a suposta morte por tuberculose de Augusto – que a população sabe sobre o autor. Para compor a narrativa da história em quadrinhos, chegamos à conclusão que, embora a história do poeta seja interessante por si só, não seria possível fugir do aspecto da construção literária de Augusto e as particularidades dos poemas produzidos por ele. Ao chegar nesse ponto, decidimos por selecionar fontes e referências para contemplar também o viés literário e como ele dialogava com o histórico do personagem. Nesse ponto surgiu uma das principais perguntas a serem respondidas na peça de JHQ: “Por que os poemas de Augusto possuem uma estética tão peculiar e que fatores o levaram a optar por essa característica?”.

Como título para a obra, decidimos procurar por algo que remetesse ao trabalho de Augusto de uma maneira peculiar e, principalmente, algo que tivesse ligação com as iconografias utilizadas pelo poeta. Com isso, optamos por *O Deus Verme*, título do poema homônimo do autor. A escolha se deu devido à mistura do mundo sacro e religioso de “*Deus*” e a ligação com o mundano e a degradação que o atraía, personificados na forma do “*Verme*”. Nosso intuito foi de criar uma homenagem a Augusto ao reforçar o conflito religioso e científico presente em sua obra.

6.3. Seleção do material

Na análise encontramos dois trabalhos que poderíamos utilizar como referência para a esquematização do roteiro e para responder as indagações: o romance de Ana Miranda *A Última Quimera*, de 1995, e a produção biográfica do projeto *Redescobrimos as Trilhas de Augusto dos Anjos*⁶, que publicou uma série de trabalhos a respeito do poeta. Na produção do JHQ utilizamos dois livros do projeto, publicados em 2009: *Augusto dos Anjos: Uma Biobibliografia* e *Conversando sobre Augusto dos Anjos: Uma História Oral*. As escolhas desses materiais se deram devido às extensas pesquisas históricas executadas pelos autores para compor os livros. Ana Miranda, em entrevista concedida aos autores do produto, conta que procurou fontes na fortuna crítica

⁶ Esse projeto em questão foi uma retomada de um outro anterior, feito em 2006, chamado *Reconstituição do Universo de Augusto dos Anjos*, iniciado pela Fundação Casa de José Américo, seguido pelo Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual da Paraíba. A primeira etapa resultou na organização do material que veio a constituir o Memorial Augusto dos Anjos, instalado na antiga casa da ama-de-leite do homenageado, Guilhermina, no Engenho Pau d’Arco, em Sapé, no estado da Paraíba.

de autores do período de Augusto, como Órris Soares e Raul Machado. Foram coletados também referências no trabalho de José Lins do Rego, Alexei Bueno e o material disponível no museu de Augusto dos Anjos em Leopoldina, em Minas Gerais, como fotos, jornais da época e documentos pessoais do autor. No projeto *Redescobrimdo...*, as pesquisadoras seguiram uma linha de investigação parecida com a de Miranda e acrescentaram depoimentos de familiares, admiradores e estudiosos que revisaram a obra do poeta durante a segunda metade do século XX.

Outra referência utilizada foi a edição revista e ampliada de *Eu e Outras Poesias*, editada pela Bertrand Brasil, publicada em 2001. A edição conta com notas biográficas dos pesquisadores Francisco Assis Barbosa e Órris Soares, além de anotações atualizadas presentes em outras reedições de *Eu* ao longo das décadas que ajudaram no resgate da memória e da recepção do livro.

6.4. Entrevistas

A partir da leitura das referências disponíveis, a próxima etapa da produção foi selecionar os especialistas que falariam a respeito de Augusto dos Anjos. O objetivo nesse estágio foi complementar e confirmar as informações adquiridas e comparar pontos de vista entre as fontes. Já na pré-apuração coletamos um número maior de dados do que o previsto, além de aprofundar certos aspectos históricos que poderiam ajudar na elaboração da matéria. Por conta disso, reorganizamos as respostas obtidas em uma linha do tempo da vida de Augusto para melhor encaixar na sequência narrativa que tínhamos em mente. Dividido em capítulos, o esqueleto da HQ deveria então abordar os seguintes pontos:

- 1 – Nascimento, a infância e a família de Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos.
- 2 – Os primeiros trabalhos como poeta, o início do curso superior em Direito.
- 3 – A vida adulta: problemas financeiros da família, o trabalho como professor particular e estabelecimentos locais, o casamento e a partida para a cidade do Rio de Janeiro.

4 – O choque de lidar com o filho morto aos seis meses de gestação, a publicação do livro *Eu* com o investimento financeiro do irmão e a paternidade de duas crianças.

5 – A nova vida na cidade de Leopoldina, em Minas Gerais, os últimos dias e a morte devido à pneumonia.

Ao traçarmos o roteiro e o enquadramento a serem utilizados na reportagem, decidimos seguir a rotina de apuração por perguntas parcialmente estruturadas e “guiadas por relação de pontos de interesse em que o entrevistador vai explorando ao longo do curso” (GIL, 2010, p.105) com especialistas selecionados que pudessem cobrir os seguintes aspectos:

- I. A biografia de Augusto Rodrigues dos Anjos;
- II. Como a poesia dele utiliza o português e como é vista na literatura brasileira por leitores, alunos e professores;
- III. Artistas inspirados por ele;
- IV. Parentes vivos do poeta.

A escolha das fontes a serem escutadas deu-se com o levantamento biográfico previamente estudado como ponto de partida para a obra. Ao conseguir o contato de Ana Miranda com o orientador e o e-mail da coordenadora do projeto *Redescobrimdo...* na internet, demos início às entrevistas. As fontes foram:

- **Ana Maria Nóbrega Miranda**, atriz, poetisa e romancista, nascida em Fortaleza, Ceará, e criada em Brasília, Distrito Federal. Estreou com a romance *Boca do Inferno* (Companhia das Letras), história que resgata a figura do poeta Gregório de Matos e o jesuíta António Vieira na Bahia do século XVII. Em 1995 lançou *A Última Quimera* (Companhia das Letras), romance em que a poesia de Augusto dos Anjos é o tema central. Em 2014 lançou o romance histórico *Semíramis* (Companhia das Letras) em que trata do poeta romântico José de Alencar.

- **Chico Viana**, nascido Francisco José Gomes Correia, paraibano, escritor e jornalista. Ex-professor de letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e criador do Curso Chico Viana, no qual ministra aulas de português, redação e literatura brasileira. Publicou *O evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos (1992)*, *A Sombra e a Quimera: escritos sobre Augusto dos Anjos (2000)*, entre outros.

- **Deolinda Aguila Marins**, graduada em literatura pela Universidade de São Paulo (USP) e mestra em literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Professora de literatura há 38 anos. Atualmente é professora no colégio Podium, em Brasília.

- **Marina Pereira Andrade**, cantora e compositora brasiliense. O primeiro trabalho publicado foi o CD independente “...e a canção é tudo”, em 1998, e em 2004 e 2005 levou ao público o trabalho de composição sobre poemas de Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Augusto dos Anjos e Fernando Pessoa. Em 2007 lançou o CD “Versos Íntimos”, com versões musicadas de nove poemas de Augusto.

- **Maria do Socorro Silva de Aragão**, paraibana, professora e escritora. Leciona na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como professora voluntária e na Universidade Federal do Ceará (UFC), como professora visitante. Formada em letras pela Universidade Regional do Nordeste, em Campina Grande. Foi uma das responsáveis pelo grupo de pesquisa *Redescobrimo as Trilhas de Augusto dos Anjos* e coautora dos livros oriundos do trabalho em 2008 e 2009.

- **Márvio Rafael Fernandes França dos Anjos**, carioca e sobrinho-neto de Augusto dos Anjos. Músico, poeta e jornalista, Márvio atualmente é editor de redação do jornal Destak BR, colunista do Globoesporte.com e do blog Reserva. Publicou trabalhos como poeta na antologia *Ponte de Versos* (Ibis Libris), na revista *Poesia Sempre*, da Biblioteca Nacional. Como músico, é vocalista da banda Cabaret, do Rio de Janeiro, e lançou um disco homônimo em 2006.

- **Neide Medeiros Santos**, paraibana, ex-professora e escritora. Formada em letras português/inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) doutra em estudos literários pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Foi professora de Teoria Literária e Literatura Infantil na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente é representante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLJI). Foi uma das responsáveis pelo grupo de pesquisa *Redescobrimdo as Trilhas de Augusto dos Anjos* e coautora dos livros oriundos do trabalho em 2008 e 2009.

- **Ricardo Augusto Penna dos Anjos**, carioca e neto direto de Augusto dos Anjos. Poeta, jornalista e redator publicitário aposentado. Publicou os livros de poesia *Após a Tragédia* (1962) e *Agrolírica* (1974). Hoje mora em Nova Petrópolis, no interior do Rio Grande do Sul, e dedica o tempo a escrever um romance e ministra palestras em que fala a respeito do trabalho e da história do avô.

As duas primeiras fontes a serem escutadas foram a professora Socorro e Neide, que, além de disponibilidade de entrevista, ajudaram com a aquisição do livro *Conversando sobre Augusto dos Anjos: Uma História Oral* (Idéia, 2009, 502 páginas), obra não disponível em sebos, livrarias ou em formato digital. Com as professoras, conseguimos também o contato com Chico Viana e Ricardo dos Anjos.

Também tentamos em contato com os responsáveis pelo Museu Augusto dos Anjos em Sapé e a Academia Leopoldinense de Letras e Artes, em Leopoldina, Minas Gerais. Inicialmente o diretor do Museu aceitou levantar certos dados para o projeto, mas não respondeu os e-mails seguintes. Já com a Academia, não conseguimos entrar em contato por telefone ou pela página oficial da instituição pelo Facebook.

Outra fonte procurada foi o grupo Verso de Boca, da Universidade Federal do Ceará (UFC), criado em 1999. Composto por estudantes de letras da universidade, os participantes levam apresentações poéticas para diversos ambientes da cidade, como escolas, ruas e parques, e entre suas peças estão

presentes alguns poemas de Augusto dos Anjos. Essa informação nos foi passada por Socorro na entrevista realizada por telefone com a professora.

As entrevistas foram realizadas em três meios:

- presencialmente,
- via e-mail e
- telefone.

6.5. Roteiro das perguntas:

6.5.1. Questionário geral para todos os entrevistados:

- 1 – Quem foi Augusto dos Anjos?
- 2 – Como foi o crescimento e a relação de Augusto com a família? E com os estudos?
- 3 – Como o poeta se encaixa no contexto histórico em que viveu: a virada do século XIX para o XX?
- 4 – Como você descreveria a poesia do paraibano e quais são as influências perceptíveis na obra dele? Quais escolas literárias ele se encaixa no Brasil e no exterior?
- 5 – Quais foram as reações por parte do público e crítica as publicações de Augusto dos Anjos durante o período de vida dele? Qual foi a reação do autor a essas críticas?
- 6 – Quem é Augusto dos Anjos hoje, em seu centenário de morte? Ele está esquecido ou ainda há aqueles que prestam atenção no trabalho do paraibano?
- 7 – Qual foi o primeiro contato que teve com a obra do poeta?
- 8 – De onde surgiu o interesse em estudar esse autor?
- 9 – Como Augusto dos Anjos é estudado hoje nas escolas?

6.5.2. Perguntas adicionais para Marina Andrade:

- 1 – O que chamou atenção para trabalhar com a história e/ou a obra de Augusto? E o que as pessoas mais se interessam nas palavras dele?

- 2 – Foi difícil selecionar trechos de poemas e/ou da vida dele para interpretar? O que sentiu ao fazer essa seleção?
- 3 – Ele ainda está vivo no imaginário cultural dos leitores e dos ouvintes?
- 4 – Qual é a reação das pessoas ao escutar as palavras de Augusto narradas e cantadas?
- 5 – Alguém já se aproximou de você para falar a respeito das impressões do trabalho de Augusto antes ou depois de escutar suas músicas?

6.5.3. Perguntas adicionais para Ana Miranda:

- 1 – Qual foi o interesse em ressuscitar a figura de Augusto dos Anjos com o livro "A Última Quimera"?
- 2 – Como foi feita a pesquisa a respeito da vida do poeta? Qual foi o material encontrado e qual foi o método de seleção para escolher o que seria e o que não seria usado?
- 3 – Você notou uma mudança no interesse do público na figura de Augusto dos Anjos após o lançamento do livro? Como era o poeta antes e depois do lançamento da obra? Foi perceptível uma alteração na visibilidade nacional do escritor?
- 4 – Você notou se algum estado/região do Brasil mostrou mais interesse em saber a respeito de Augusto dos Anjos com a publicação de A Última Quimera? Não apenas pelo número de vendas, mas também pela quantidade de palestras ou eventos para divulgar a obra no período após lançamento?
- 5 – Na sua opinião: quem é Augusto dos Anjos hoje? Ele está vivo no imaginário da literatura brasileira atual?
- 6 – Considerando que A Última Quimera é um romance, que personagens, eventos ou acontecimentos são reais e quais são fictícios? Qual foi a principal dificuldade entre coligar a realidade e a fantasia descritas?

6.5.4. Perguntas adicionais para Márvio e Ricardo:

- 1 – Como sua família e você lidam com o fato de ter um parente tão importante na linhagem?

- 2 – Como conheceu a obra dele? Percebe alguma influência dele no seu trabalho?
- 3 – Há o cuidado em manter a lembrança dele viva por parte de vocês? Se sim, como?
- 4 – Qual a principal lição que vocês tiraram do antepassado poeta?
- 5 – Há alguma herança ou pertence dele em posse de vocês?
- 5 – Hoje, aos cem anos de morte, quem é Augusto para você? Ele ainda está vivo para os brasileiros?

6.5.5. Perguntas adicionais para Deolinda:

- 1 – Como os estudantes reagem ao entrar em contato com a obra de Augusto dos Anjos?
- 2 – Há o interesse em aprender mais sobre Augusto?
- 3 – Como é o ensino da obra do poeta nas escolas?
- 4 – Quem estuda Augusto dos Anjos hoje?
- 5 – Por que a obra de Augusto possui pouco estudos, em comparação a outros poetas e escritos, como Drummond, por exemplo?

6.6. Considerações ortográficas

Devido a acordos ortográficos e disparidade entre as fontes disponíveis das escritas, o presente produto de JHQ utiliza as seguintes grafias para o nome de duas figuras históricas da vida de Augusto: Esther Fialho e Órris Soares, respectivamente mulher e amigo do poeta. Na biografia disponível é comum presenciar textos em que aparecem “Ester” e “Orris” para nomear os personagens. Entretanto, decidimos utilizar a grafia presente no romance *A Última Quimera* e em *Augusto dos Anjos: Uma Biobiografia*, livros escritos por algumas das fontes escutas na matéria.

6.7. Estética visual

6.7.1 Cores

A escolha das cores foi feita para representar os sentimentos das etapas da vida de Augusto dos Anjos. A cada capítulo, a paleta cromática é alterada para corresponder a cada ambiente narrado na obra. Os tons foram selecionados para se encaixar na estética diferenciada do poeta, portanto, foram evitadas combinações de cores triviais e de fácil assimilação. Para os depoimentos dos entrevistados, a estética monocromática surgiu como saída para separar o conteúdo jornalístico da biografia e a história em arte sequencial. Essa escolha evita que o leitor se confunda na narrativa do híbrido que é esse experimento de JHQ.

Capítulo 1 –



Na primeira etapa da biografia é abordada a infância de Augusto. Nesse período, representado pelo nascimento e crescimento do poeta, o uso de cores quentes incorpora a alegria da criança junto da família. Os tons quentes, e mesmo assim leves, também colaboram para desmitificar a imagem de tristeza e infelicidade de Augusto, que, na realidade, era uma criança comum.

Capítulo 2 –



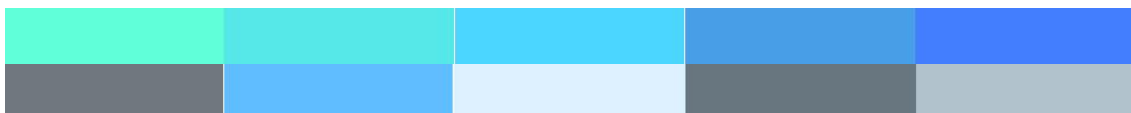
Na etapa da pré-adolescência até o início da idade adulta, a transição de cores de quente para fria representa os eventos e o choque de realidade da zona de conforto do autor. Com o fim da infância, o sofrimento dos trabalhadores, a morte do pai e o ingresso no ensino superior, a paleta representa a variação de sentimentos que as novas experiências trazem ao personagem.

Capítulo 3 –



Enquanto enfrenta esses sentimentos, a paleta volta a atingir uma única tonalidade, agora fria, que representa as decepções que Augusto sente na vida adulta. O tom violeta, repetido da etapa anterior, representa o casamento. A escolha dessa cor em particular foi devido à atratividade que o tom quente exerce na percepção do leitor.

Capítulo 4 –



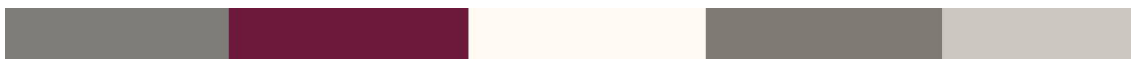
Nesse capítulo em questão, a tonalidade fria se mantém, e a cor verde aparece no esquema cromático. Ela foi escolhida pela ligação do tom com a enfermidade, como exemplo, as citações bíblicas de Peste, um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse, que monta um cavalo verde. O paralelo também é feito às obras de Augusto dos Anjos e seu gosto pela degradação.

Capítulo 5 –



Augusto dos Anjos e a família encontraram a felicidade ao se mudarem para Leopoldina, em Minas Gerais. Para representar o momento de maior alegria na vida adulta, a paleta retoma o tom laranja do primeiro capítulo, que representa a satisfação de viver do poeta. O verde, que se mantém da paleta anterior, é ligado à doença que causa a morte do poeta.

Capítulo 6 –



Para finalizar o JHQ, foi escolhida uma tonalidade ainda não utilizada na obra e assim particularizar o último trecho visualmente. O tom de vermelho presente ajuda a atrair a atenção do leitor nos instantes finais da reportagem. Além disso, existe o denominado Efeito Doppler de frequência. De forma resumida, quando um objeto luminoso se afasta do observador, a frequência tende a diminuir e assim emitir coloração avermelhada, e, ao se aproximar, a frequência aumenta, emitindo uma cor azul. Com isso, a escolha do vermelho

foi um detalhe pessoal por parte dos criadores para dialogar com o tempo em que esse trecho se passa: cem anos afastado da data de morte do poeta.

6.7.2 Tipografia

Para registrar o roteiro do JHQ foram selecionadas fontes para: os textos corridos, intercalados com a narrativa; os balões de fala, que representam as aspas dos entrevistados e diálogos entre os personagens da biografia; e as caixas de recordatório e detalhes dos quadrinhos.

A fonte família *Komika Open Type* foi utilizada no texto corrido e recordatórios. Das fontes de estilo de quadrinho testadas para o projeto, a *Komika* foi a que melhor se encaixou na proposta devido à visibilidade no formato do projeto e à disponibilidade de caracteres e acentuação em português do Brasil.

A fonte *Futura Handwritten Open Type* foi a escolhida para texto dos balões de fala devido à compatibilidade com o traço das ilustrações, além de possuir caracteres e acentuação em português do Brasil.

A fonte *Courier New* está presente nas páginas do obituário de Augusto dos Anjos. Foi escolhida, como explicado anteriormente para outras fontes, por possuir caracteres e acentuação em português do Brasil, e também por se assemelhar à fonte de uma máquina de escrever. Dessa forma foi possível reforçar o estereótipo visual da notícia impressa nas folhas de jornais – intenção da dupla ao criar as páginas do obituário.

A última fonte, destinada para os detalhes da ilustração e para o título de capa, foi a *BrainFlower Open Type*. Esse tipo se mostrou compatível com a proposta do traço, a escrita manual e com aspectos que lembram a estética do início do século XX.

6.8. Traço

A maior preocupação em relação à escolha do traço do desenho foi quanto ao encaixe da ilustração na estética de Augusto. Vista como estranha e grotesca por muitos, sua poesia foi considerada delicada pela dupla, e foi exatamente essa característica que procuramos explorar. Articulações leves e construção corporal afinada são alguns dos pontos mais facilmente identificados em todo o produto – uma conversa direta com a obra do poeta, obcecado pela fragilidade humana.

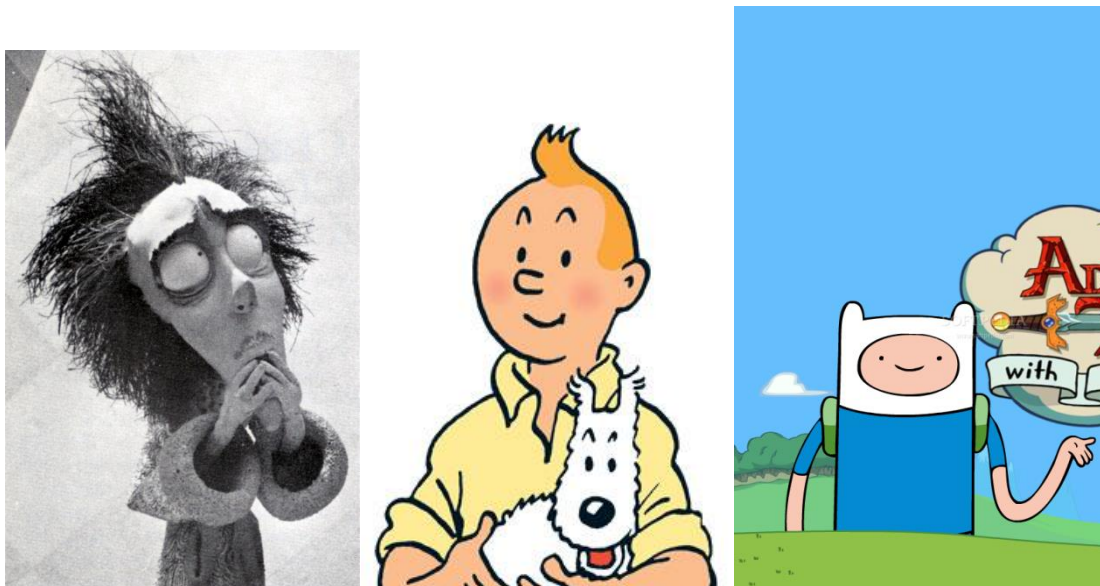


Figura 1 - Tim Burton, Hergé e Pendleton Ward

A delicadeza do corpo dos personagens, assim como os detalhes mais soturnos destinados às sombras dos desenhos, foram inspirados no traço do diretor americano Tim Burton. Um exemplo claro dessa referência na obra se encontra na página 30, com o sofrimento de Augusto dos Anjos ao declamar o poema a respeito do filho morto. Também foi explorada a estética sombria do diretor em diversos momentos dos quadrinhos, registrada em forma de silhuetas e névoas.

Do ilustrador belga Hergé ficam os trejeitos faciais: os olhos, as sobrancelhas, o formato simples do nariz e, em alguns casos, as bochechas rosadas. A escolha se dá pela possibilidade de criar diversas expressões – das mais melancólicas às mais alegres – sem a necessidade de poluir os quadrinhos com muitos detalhes no rosto.

O cenário e grande parte dos movimentos corporais vêm do animador americano Pendleton Ward, criador do desenho *Hora de Aventura*. A maior

presença das características desse traço está no primeiro capítulo. Por representar a infância feliz de Augusto, o humor e a leveza combinam com a ilustração utilizada na animação cômica americana.

Como dito anteriormente, as cores utilizadas foram de extrema importância ao passar o sentimento exato dos períodos de vida de Augusto. A coloração, assim como o *line art* – técnica que enfatiza o traço e a forma de desenhos 2D ou 3D – foram ambos realizados no Adobe Photoshop. Detalhes de iluminação, como vistos nas sombras dos personagens, foram também criados no programa, durante a etapa de colorização.

6.8.1. Adaptação das referências fotográficas para o desenho

Os quadrinhos nos dão o campo perfeito para ilustrar acontecimentos que não foram capturados em imagens. Entretanto, para que essa recriação ocorra com maior fidelidade ao real, é necessário dispor de muitas referências fotográficas – o que, infelizmente, não foi o caso durante a produção de *O Deus Verme*. Isso se explica por grande número dos entrevistados não possuir fotos em boa qualidade, e aquelas disponíveis não serem consideradas uma representação fiel, uma vez que passam por uma escolha de enquadramento, angulação e recorte.

Com isso, e com a consideração de que o traço dos desenhos é mais *cartoon* do que realista, algumas distorções não poderiam deixar de ocorrer durante a transição do fotográfico para o pictórico. As principais características dos entrevistados e dos personagens, contudo, ainda está presente, tornando as semelhanças entre os entrevistados e seus simulacros bem claras.

Robert Crumb, criador dos quadrinhos autobiográficos, é conhecido por seu humor ácido e sua autocrítica depreciativa. Em muitas de suas histórias o protagonista é o próprio autor que avalia suas escolhas pessoais e suas obsessões sexuais. Apesar de possuir um traço mais realista, os quadrinhos de Crumb sempre estiveram muito vinculados ao humor e ao exagero absurdo para alcançar o realismo. Nas palavras do próprio autor:

Quadrinhos dão sua versão bem particular da realidade. Há muitas abordagens diferentes pra eles, mas não é o mesmo que literatura. Quadrinhos são diferentes, e quando um cartunista tenta “elevar” o

gênero, por assim dizer, corre o risco de se tornar pretensioso. (...) Há algo tosco e proletário nos quadrinhos. Se você se afastar demais disso, bem, pode parecer bobo. (CRUMB *apud* SOUZA JÚNIOR, 2009, p. 56)



Figura 2 – Robert Crumb

1 – Entrevistados presentes na obra:



Figura 3 – (Da esquerda para a direita, de cima para baixo): Maria do Socorro Silva de Aragão, Ana Miranda, Neide Medeiros Santos, Márvio dos Anjos, Chico Viana e Ricardo Augusto dos Anjos.

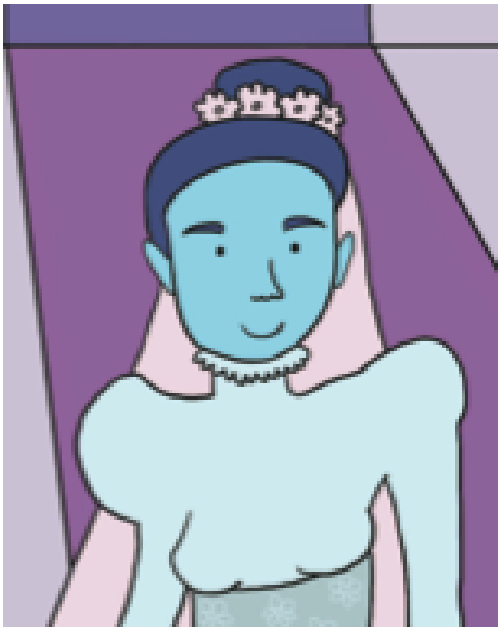
2 – Personagens e locais



Figuras 4 e 5 – Augusto dos Anjos



Figuras 6 e 7 – Marina Andrade



Figuras 8 e 9 – Esther Fialho dos Anjos



Figuras 10 e 11 – Sinhá Mocinha



Figuras 12 e 13 – Fachada da Faculdade de Direito

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer jornalismo em quadrinhos não é uma atividade trivial. Antes de produzir uma obra de JHQ é preciso selecionar um tema que dialogue com as possibilidades das narrativas gráficas para que o produto final não seja apenas um texto jornalístico com o apoio de imagens. O fator tempo também é algo a ser levado em conta: nem todas as publicações podem dedicar recursos e pessoal especializado para tal projeto.

A experiência, entretanto, é gratificante. Não apenas pelo JHQ ser um assunto ainda pouco explorado durante a graduação, mas também pela possibilidade de colocar em prática diferentes conhecimentos adquiridos ao

longo do curso de jornalismo – apuração, diagramação, agendamento, comunicação visual, etc.

O processo de produção do jornalismo em quadrinhos é parecido com aquele de uma reportagem especial típica: escolha de um tema noticiável, pré-apuração e montagem do esqueleto da matéria são indispensáveis. Assim como o lide, que também existe em *O Deus Verme*, mas não na forma tradicional vista em reportagens que procuram seguir o modelo narrativo rígido de pirâmide invertida.

Em relação às diferenças, no JHQ temos a possibilidade de trabalhar com a arte sequencial. Por utilizar um traço que caricatura a realidade ao invés de registrá-la fielmente, o resultado visual do projeto se apoia em detalhes como expressões e sentimentos dos personagens. Enquanto o texto se mantém sóbrio e mais vinculado ao que se espera do jornalismo padrão, os desenhos ficam livres para mostrar as emoções de Augusto. Isso permite uma aproximação por parte dos leitores, que são tocados mais facilmente pelo aspecto visual do que pelo texto. Os quadrinhos, casados a uma narrativa mais leve, podem atrair um público que, normalmente, não se sente motivado a ler longas matérias em jornais, impressos ou online.

Para elaborar uma reportagem em quadrinhos é preciso ter em mãos muitas imagens de referência – não apenas para reprodução dos entrevistados e personagens da forma mais fiel possível, mas também para recriar cenários e contextos históricos com a realidade necessária ao jornalismo. Essa foi uma grande dificuldade, visto que fotografias do assunto são escassas, assim como biografias aprofundadas sobre a vida do poeta. Para suprir essa demanda de material, fomos atrás de pesquisadores e interessados em Augusto, um processo que em muito se assemelha ao de apuração padrão do jornalismo, mas que diferencia na procura pelos detalhes imagéticos para serem reproduzidos no traço.

O Deus Verme é um convite para aproximar o brasileiro às obras do homenageado em seu centenário de morte. Devido à leveza do formato dos quadrinhos, acreditamos que o diferencial dessa HQ é uma característica que facilita a leitura e a atração por parte dos leitores, inclusive do público infantil.

Ao término do produto, concordamos que o JHQ é realmente um gênero híbrido, como teorizado por pesquisadores. Ele ainda precisa encontrar seu

espaço no jornalismo atual e crescer dentro das limitações impostas para continuar a avançar e ganhar maior reconhecimento, além do já batido tema de quadrinhos de guerra.

A respeito de produção de JHQ dentro da academia, o ensaio com *O Deus Verme* nos levou a concluir que o tempo destinado a uma matéria comum não é suficiente para terminar uma obra em quadrinhos de porte médio. Como alternativa, acreditamos que projetos menores – como entrevistas, ou ainda reportagens de pautas curtas, mais viáveis dentro da estética dos quadrinhos – são possíveis, visto que muito do que utilizamos no produto foi aprendido em disciplinas ao longo do curso.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Augusto dos. **EU e outras poesias - 43ª edição especial revista e ampliada**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 294 p.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; FECHINE, Francisca Neuma.; SANTOS, Neide Medeiros.; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. **Augusto dos Anjos: uma biobibliografia**. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2008. 206 p.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; SANTOS, Neide Medeiros.; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. **Conversando Sobre Augusto dos Anjos: Uma História Oral**. João Pessoa: Idéia, 2009. 498 p.

CARVALHO, Ana Lúcia Teixeira de. **Cartas Marcadas pela Dor de Existir**. (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras na área de Literatura Brasileira, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco José Gomes Correia). João Pessoa, 2007.

CAVIGNATO, Deise. **O jornalismo em quadrinhos como inovação de do fazer jornalístico**. Dissertação (Mestrado) Comunicação - Área de concentração: Inovações na Linguagem e na Cultura Midiática. São Caetano do Sul-SP, USCS / Programa de Mestrado em Comunicação, 2013.

CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. **Quadrinhos, Sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CORBARI, M. A e SANTOS, E. **Jornalismo em Quadrinhos: um panorama histórico da arte sequencial e sua redescoberta**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêia. **Jornalismo em quadrinhos: a linguagem quadrinística como suporte para reportagens na obra de Joe Sacco e outros**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

GOMES, Iuri Barbosa. **Jornalismo em quadrinhos: Mediações experimentais entre comunicação e artes**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal – RN.

_____. **Jornalismo em quadrinhos: território de linguagens**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. - VII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 2009, Porto Velho – RO, 2009.

GUIMARÃES, Rafael Baldo e SILVA, Fabiano. **Jornalismo em quadrinhos: uma análise do uso da nona arte como suporte para a narrativa jornalística**. Brasília: UnB, 2003.

LIMA, Marcelo Oliveira e ROSSONI, Igor. **O jornalismo em quadrinhos e os procedimentos jornalísticos em Uma História de Sarajevo**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, 2011, Maceió - AL.

McLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: MBooks, 2005.

Miranda, Ana. **A Última Quimera**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração editorial, 2003.

RAMOS, Paulo. **História em quadrinhos: gênero ou hipergênero?**. São Paulo: Estudos Lingüísticos, 2009.

SILVA, Vinícius Pedreira Barbosa da. **A transformação das histórias em quadrinhos em gênero jornalístico híbrido: o jornalismo em quadrinhos (JHQ)**. Brasília: UnB, 2011.

SOUZA Jr., Juscelino Neco; **Imagem, narrativa e discurso da reportagem de quadrinhos de Joe Sacco**: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

WEBGRAFIA

GALLAS, Anna; VIVEIROS, Lucas. **Quadrinhos e jornalismo: a importância do híbrido de Joe Sacco para a comunicação social**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. 11, 2009. Teresina: INTERCOM, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2009/resumos/R150598-1.pdf>>. Acesso em 10/05/2014.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva e PASSOS, Mateus Yuri. **Joe Sacco: Jornalismo Literário em quadrinhos**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1126-2.pdf>. Acesso em 10/05/2014.

<http://jornaldaparaiba.com.br/euaugusto/>

<http://www.cartoonmovement.com/>

<http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/cl/cl06/cl060201.htm>

http://www.senado.gov.br/noticias/tv/hotsites/augustos_dos_anjos/index.html

10. ANEXOS



Figuras 14 e 15 – Desenho original no papel, desenho com a técnica de *line art* no Photoshop